

DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
≡ RITA ≡

**Era uma vez...**

# HISTORIA DA PASTORINHA

Por ZÉ D'ALDEIA (Da série C)

DESENHOS DE CASTAÑE



**E**RA uma vez uma menina de oito anos, que vivia numa aldeia de pastores, no cimo dum monte onde a neve branquejava todo o ano. Ficára sem pai, nem mãe na idade de cinco anos.

O pai morrera devorado pelos lobos, numa noite de grande nevão, quando regressava, com o seu rebanho, à aldeia. Sua mãe, pobre e doente, sucumbira

pouco depois, vitimada por uma pneumonia.

Ora os habitantes dessa aldeia, onde a neve branquejava todo o ano, eram todos muito pobrezinhos, mas, como todos os pobrezinhos, tinham bom coração. Após a morte da mãe da pequena Maria, assim se chamava a heroína do nosso conto, reuniram-se todos e resolveram socorrer a pequena Maria, cada um com o que pudesse.

Assim, a pequena Maria andava de casa em casa, uma semana numa, outra semana noutra, e assim ia vivendo e crescendo.

A sua orfandade, a compreensão da sua desdita, adocara-lhe extraordinariamente o carácter; a bondade de Deus, conforme ela ia crescendo, conferia-lhe as mais mimosas graças. Era linda como uma rosa, terna como uma pomba, e bondosa como o são todas as pessoas a quem Deus dojou com um coração sensível. Todos os pastores e pastoras a adoravam e respeitavam, como se adora e respeita uma santinha.

E' que Maria, apesar da sua tenra idade, tinha palavras tão ponderadas, dava conselhos tão prudentes, como se fóra já uma pessoa de idade avançada. Nas horas vagas cantava, ou quando lh'o pediam os habitantes da sua aldeia, que nunca se cansavam de ouvir as suas melodias cheias de melodia e ingenuidade.

Os anos foram correndo, e com eles a adoração que todos lhe votavam.

Tinha, então, 18 anos.

Cabelos loiros como os trigais maduros, olhos azuis, como o céu de Abril, corpo esbelto e bem torneado, lábios rubros como bagos de romãs, numa palavra, Maria era uma obra prima da Natureza, cheia de viço, de graça e de alegria.

Um dia um dos seus protectores, possuidor dum grande rebanho, adoeceu quando estava para partir com o seu rebanho para o monte. A neve caía em abundância; o frio era intenso.



E o pobre homem gemia no leito, lamentando não poder ir com o seu rebanho para a costumada pastagem:

— Oh! homem — dizia a mulher — o gado não morre por um dia a menos de pasto.

— Tu dizes bem, mulher, mas e porque ainda te não faltou um dia só o pão de cada dia.

Do curral partiram, nesse momento, diversos; Mé! Mé! Mé!

— Valha-me Nossa Senhora do Socorro, preferiu o pobre pastor, Maria, que se conservava impassível, não se pôde conter por mais tempo, e disse:

— Não se apoquente, tio Manuel, que eu vou pastorejar o gado.

(Continua na pag. 8)



# Modestia e o Orgulho

POR

FERNANDO R. BARRAGAO  
DESENHOS DE A. CASTANÉ

**N**UMA aldeia, quasi ignorada deste nosso tão lindo Portugal, havia, unicamente, dois pontos brancos que, de longe, se distinguiam, dentre o espesso tapete de verdura que revestia a colina. A primavera acordara!

Chilreavam os passarinhos, entre os rebentos verdes das arvores onde esses pequeninos seres se balouçavam, e já o sol, ridente, parecia saudar a natureza.

Esses pontos brancos que alvejavam dentre o conjunto de belezas naturais, não eram mais que o aglomerado das casas dos aldeãos, e a igreja; o outro, aquele onde se busca a luz e onde, enfim, acabam tantas superstições: — a Escola.

E' nesta última que vamos, finalmente, encontrar os dois pequenos heróis deste pequeno conto assás singelo.

Um deles, Licínio, parecia ter nascido num ambiente fidalgo, quer pelo seu orgulho quer pela altivez com que encarava os condiscipulos.

O outro, conhecido, entre os rapazitos mais humildes, pelo Tô, era uma criança pobre, des-

calça, de camisinha de chita, filho dum trabalhador rural e de uma lavadeira. Mas a pobreza não o tornava invejoso nem mau, antes pelo contrario: era amigo de praticar o bem, obediente e aplicado. Por isso, tinha na es-



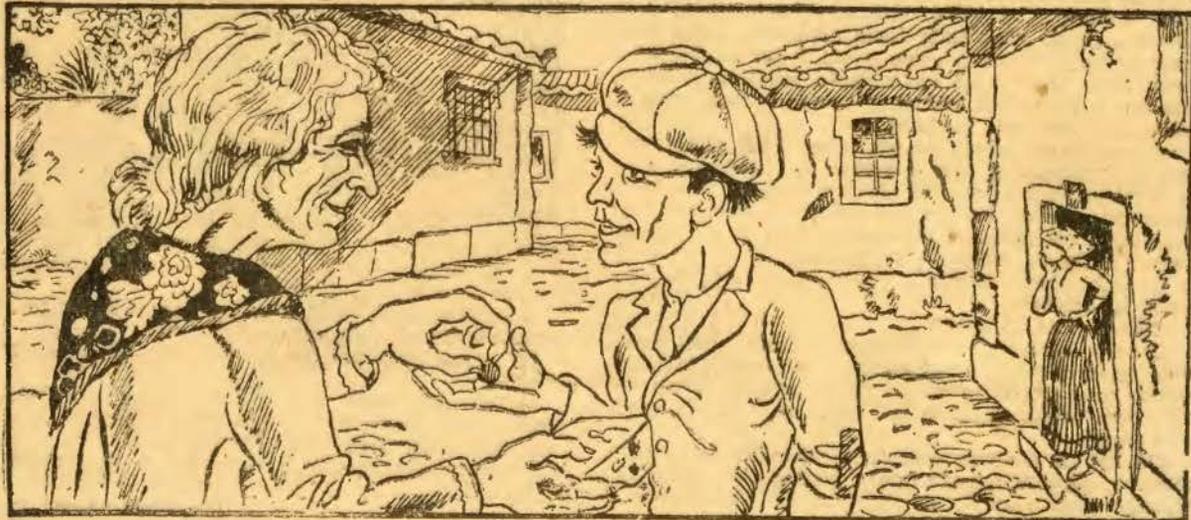
cola a afeição dos seus professores, no campo a amizade de todos os seus conterrâneos e em casa o amor de seus pais. Se entrássemos no seu quarto veríamos sobre uma mesa já velha, os seus livros, embora já usados, bem arrumadinhos, sem uma

folha solta. E como arranjaria ele dinheiro para esses livros, se seus pais eram pobres e não lhos podiam comprar?

Tô gostava de satisfazer, qualquer pedido que lhe fizessem e, assim, quando a Ti'Ana lhe dizia: — O' Tô! Vais mercar-me meia quarta de café? Ele acedia, de bom grado. E, à volta, lá caíam da mão da boa Ti'Ana, um ou dois tostõezinhos para ele.

Outras vezes, ao chegar a casa, ouvia o pai contar à mãe: — Eh Maria! Se soubesses o que o professor do nosso Tô me disse! Que era pena o nosso cachõpo não seguir os estudos!...

Ao contrario, Licínio, como era rico, tinha quanto lhe apetecia em objectos úteis e, até, outras vezes, comprava cousas inúteis, mas, mesmo nisso, empregava a sua excessiva vaidade. Por exemplo: — Tô e os outros rapazes pobres brincavam com bolas de papel ou de trapo, ao passo que Licínio tinha-as de borracha: Este comprava caixas de bombons e só os repartia com os companheiros ricos, desdenhando sempre dos rapazes pobres. Nunca tra-



# O "PICO-PICO..."

Por ANGELO C. PEREIRA DE ALMEIDA — Série B

—«Pico, pico, sarolico  
Quem te deu tamanho bico?»  
E as unhas da Rosinha  
Vão picando com gracinha.



Debicando, de um em um,  
Vão seguindo, à roda, os dedos,  
Té que a sorte calhe a algum  
Que adivinhe os seus segrêdos.

—«Os cavalos a correr  
E as meninas a aprender,  
O que fôr o mais bonito  
E' que se há-de ir esconder.»

E' o Zézito que tem de ir,  
Pois foi a sua mãozinha  
A última a ser picada  
Pelas unhas da Rosinha.

E lá vai p'ra trás dum muro.  
A Rosinha, então, combina  
Com os outros, qual o nome  
Que há-de ter cada menina.

E baixinho vai dizendo:  
«Tu o rei; tu a princesa;

Tu o lindo rouxinol;  
Tu o castiçal da mesa...»

· Cada um vai decorando  
O nome que ela vai dando.  
«Vós o Tigre; o Jacaré;  
A pitada de rapé;

O tinteiro; o sór doutor,  
A santinha do andôr;  
O sapatinho; a vassoura;  
A talhada de cenoura;

O açafatinho de flôres;  
O avô mais a avózinha...  
E êste o cravo dos Amôres!  
Finalmente diz Rosinha.

—«Em que cavalo quiere vir?  
—«No melhor que at estiver.»

Diz, de lá, o escondido.  
—«Pois escolha o que quiser:

A pitada de rapé?  
Ou o tigre?... O Jacaré?  
O açafatinho de flôres?  
...Quere o cravo dos amores?»

—«Quero, sim.» Diz o Zézito,  
Esperando p'lo «burrito»,  
—«Pois vinde p'lo vosso pé  
Que vós soi-lo, dominé!»

E depois de todos rirem  
E muito se divertirem  
Recomeçam: «Pico, pico,  
Quem te deu tamanho bico?...»

■ FIM ■

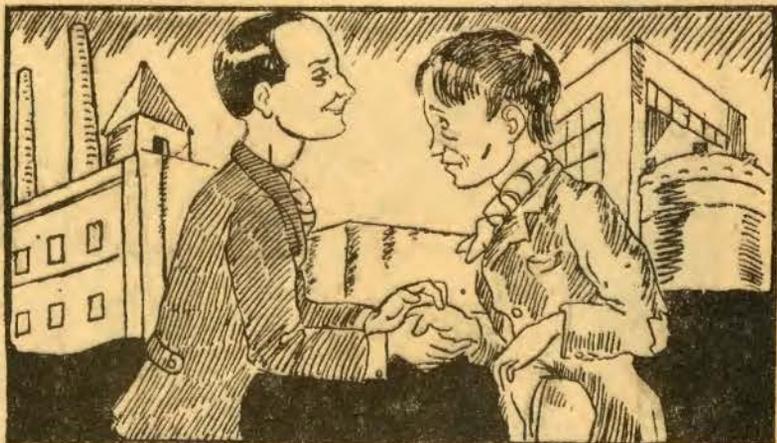
zia os sapatos sem serem engraçados, não queria fatos passajados, etc.

Tó, porém, contentava-se com os fatos remendados, mas limpos.

Com o decorrer do tempo Tó foi progredindo nos estudos, alcançando muitos conhecimentos e chegou a possuir, pela persistência no trabalho, uma importante fábrica que êle dirigia e donde obtinha bons lucros.

Licínio sentindo-se, agora, sem o pai com quem vivera outrora ricamente em seu solar, cercado de honrarias, devido a várias fatalidades: — doenças, incêndios, roubos e má administração, acabou na miséria, vendo-se, de repente, sem amparo e sem meios.

Tem já vinte e cinco anos e,



recordando-se dos tempos da escola primária, recorre hoje ao seu condiscípulo Tó, a-fim-de que êste lhe garanta um lugar modesto na sua fábrica. Tó, con-

doído da sua situação, abraça-o e dá-lhe boa guarida. E, assim, passaram a viver ambos felizes.

Quem trabalha tem alfaiá!

■ FIM ■

# TRISTE FIM DE UMA CA

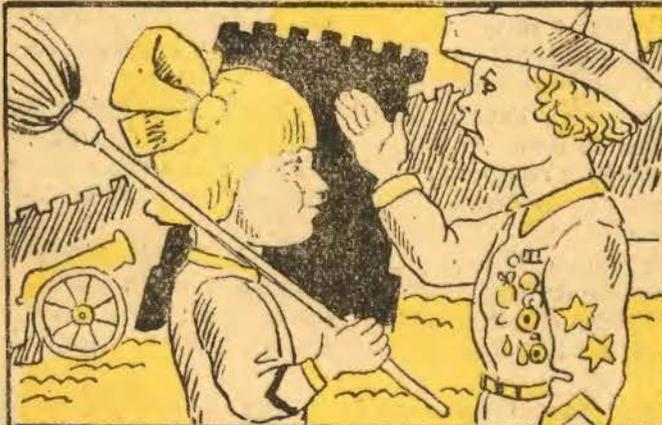


Tendo uma espada na mão,  
Com seus olhos de maráu.  
O nosso Zeca Leitão,  
No seu cavalo de páu,  
Faz lembrar Napoleão.



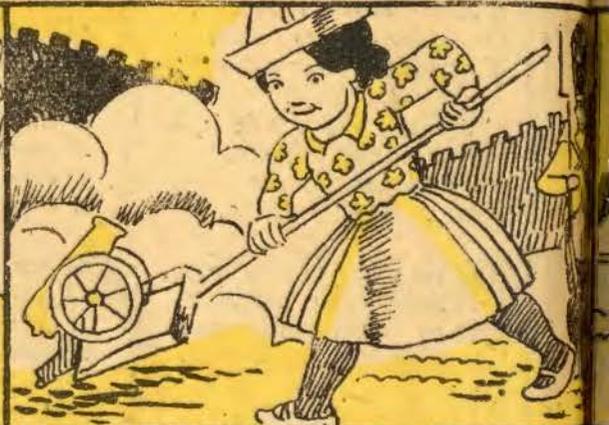
No braço, estrélas fulgentes,  
No peito, grandes medalhas,  
Com infindáveis pingentes;  
Sinais de muitas batalhas,  
De vitórias concludentes.

Com altivez  
Dá ordens,  
A' Letinha,  
E mesmo ao  
Que de ajuda

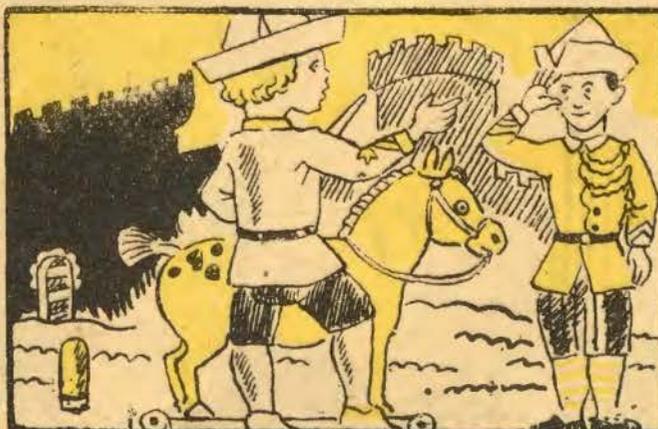


Irrequieta, traquina,  
A Letinha sempre peca  
Nas manobras ou fachina,  
Fazendo afinar o Zeca  
Com a sua indisciplina.

E' bolchevista, pimpão,  
O Joanito gentil:  
Quer' que os brinquedos do irmão,  
Muitos centos, quasi mil,  
Pertencam ao batalhão.



Após manobras  
De marchas e tiro  
O nosso homem  
E do descanso,  
Com pose os erros



O chefe espalhafatoso,  
Mas altivo e sempre belo,  
Imponente e magestoso,  
Mandou tomar o castelo  
Num arranco audacioso.

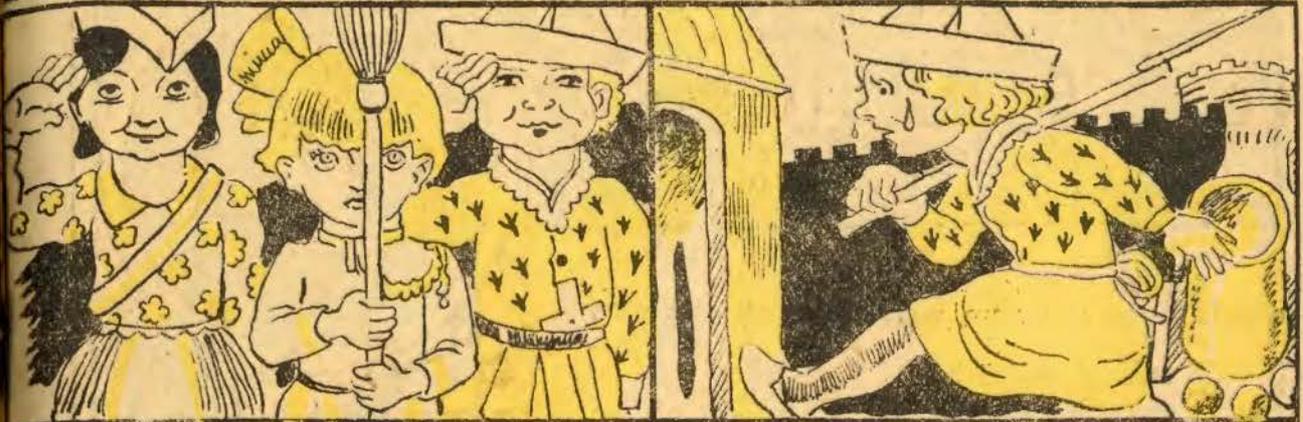
Avançam. Em altos brados,  
Dão uma carga tremenda;  
E loucos, entusiasmados,  
Nem ouvem a bulha horrenda,  
De vidros estilhaçados.



Mas a mãe  
Quando vê  
Ao chefe e  
Logo alumba  
Mostrando

# PANHA

POR MARIAZINHA :: DESENHOS DE CASTANÉ  
DA SÉRIE A



Até ao fim do suplício,  
Quando debaixo de forma,  
Em guerra ou em exercício,  
Tem sempre a Nana, por norma,  
Sujeitar-se ao sacrifício.

A Bila é bom elemento,  
Cumpre o serviço a primôr,  
E, pelo comportamento,  
Já mereceu um louvôr  
Em ordem do regimento.



Passados poucos minutos,  
Depois de curto intervalo,  
Sempre afoitos, resolutos,  
Montou o Zeca a cavalo,  
Eles cercaram redutos.



Vem a mãe das lindas Graças,  
A correr em alvoroço,  
E, então, deixando as três praças,  
Ao ver tamanho destroço,  
Castiga-as com ameaças.

Assim a tropa famosa,  
Capaz de grandes façanhas,  
Até aí vitoriosa;  
Terminou suas campanhas  
Em derrota vergonhosa.



Quando, diante,  
revertidos,  
e a parte,  
anunciados,  
o tombante.

# Carta para o Céu por Argentinita



Anjinho,  
A cartinha que te escrevo, vem dar-te saudades minhas,

E será por andorinhas  
Transportada para os Céus,

Aos céus para onde tu, em manhãzinha de Abril,  
Partiste em vôo gentil  
A beijar o próprio Deus!

Os teus bonitos brinquedos, jazem, hoje, abandonados  
E a caixinha dos soldados,  
Dos quais tu tanto gostavas,

De prefiar, em fileiras, com aprumo marcial...  
E em vosita triunfal  
Com que garbo os comandavas!...

Sem saudades nem pesar, trocaste tudo o que tinhas  
Por umas lindas àsinhas  
Branquinhas como o luar!

E ao teu bondoso irmãosito, ainda tão pequenino,  
Preferiste o Deus-Menino  
Para com êle brincar!

Se soubesses, quanta pena, me faz ver tua caminha,  
Abandonada, sòzinha,  
No teu quartinho, tão lindo!

E o teu cavalinho branco, parece chorar, saudoso,  
O donozinho formoso  
Que tanto o montou sorrindo!...

Mas escuta, anjinho, querido. (Anjo que recordo tanto  
Porque eras o meu encanto!)  
O que aqui te vou dizer:

Tira as àsinhas tão brancas, deixa tudo lá no Céu,  
E volve ao regaço meu.  
Como outróra... a adormecer!

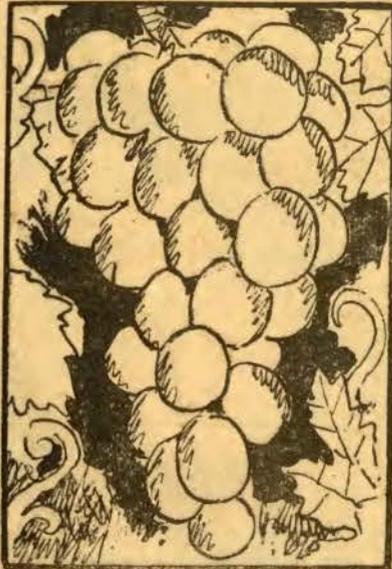
Regressa logo! Mas antes... avisa numa cartinha,  
E pede a uma andorinha,  
Que m'a traga no boquito.

E agora adeus! Até breve!... Dos teus manos e amiguinhos  
Aceita muitos beijinhos  
Lembranças do cavalito...

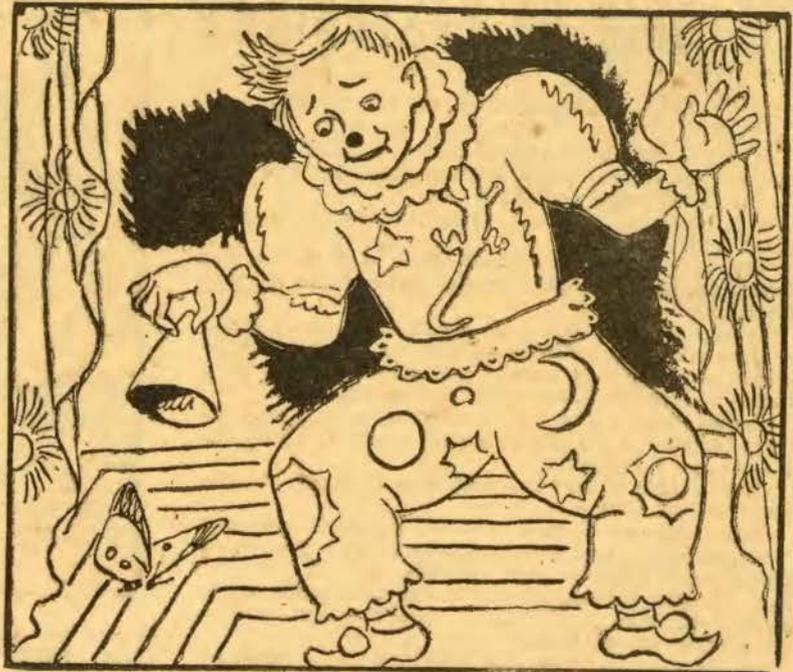
E um forte chi-coração da tua grande amiguita,  
Que te lembra a toda a hora e te adora,



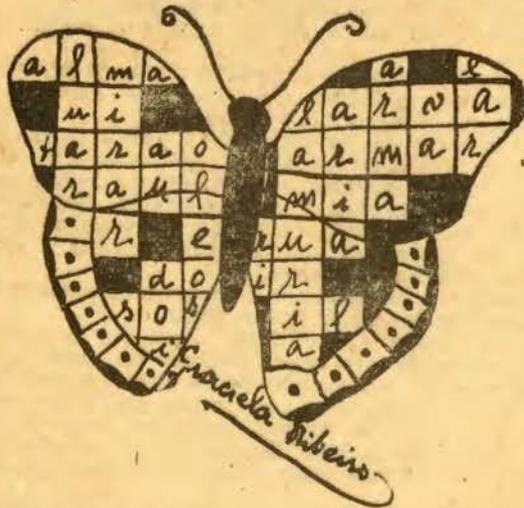
# ADIVINHA PARA OS MENINOS COLORIREM



— Vejam os meninos onde está o dono da vinha!



## PALAVRAS CRUZADAS



Solução do problema anterior

## CHARADAS

Qual é o nome de mulher formado pela madeira e pela nota musical? (2 sílabas).

Qual é a peça de vestuário formada pelo advérbio de lugar e pelo instrumento de lavoura? (2 sílabas),

Qual é a fruta, cujo nome lido às avessas é perfume? (3 sílabas). *Amora*

Qual é o verbo que lido às avessas é o mesmo verbo? (1 sílaba). *rir*

Qual é a flôr que, com a inicial trocada, é sabôr amargo? (2 sílabas).

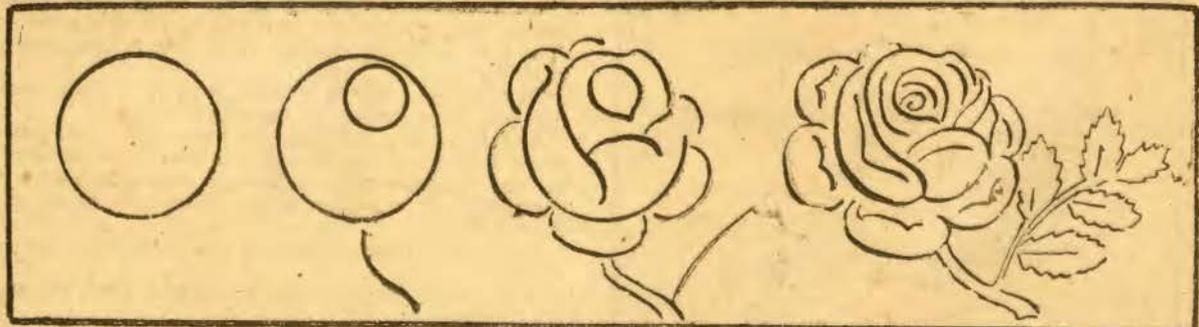
Qual é a árvore que é apelido? (3 sílabas). *Carvalho*

Qual é a parte do corpo que tirada uma letra é uma fruta? (2 sílabas).

## SOLUÇÕES DAS ANTERIORES

Ovo — Arábia — Nariz — Manga — Sol — Conto-Conta — Agosto.

## L I Ç Ã O D E D E S E N H O



COMO SE DESENHA UMA ROSA

# HISTORIA DA PASTORINHA

(Continuação da pag. 1)

Tu?!... disseram, ao mesmo tempo, o tio Manuel e a mulher! Nós consentimos lá que te afoites, com este tempo, por esses descampados fóra!

— E, então que tem isso? — respondeu Maria. — A mim quem me faz mal?

Poris não vai conosco o bom lebreu, o «Leão»? E não tenho, por essas paragens, tantos pastores que me protegeriam?

E pegando no cajado e no cobertor com que o pastor se resguardava das inclemências do tempo, sem dar ocasião a que lhe desse mais alguma palavra, partiu com o rebanho através dos caminhos cobertos de neve.

Andou léguas até encontrar um pasto onde a neve era menos espessa, o que permitiu aos carneirinhos matarem a fome que os consumia.

Caía a tarde. A neve não cessava de cair, branda como partículas de arminho.

Quiz regressar a casa, mas os caminhos por onde viera estavam de tal forma atulhados de neve, que tinham desaparecido todos os seus vestígios. Ao longe ouvia-se já o uivo dum lobo esfomeado. Então, sem perder a serenidade, continuou, como pode, a conduzir o seu rebanho na direcção da sua aldeia.

Já fazia escuro. Tinham chegado em frente duma capelinha, dentro da qual se albergava uma linda Virgem, que os pastores daqueles logares tinham sempre rodeada de galas. A porta estava aberta. Entrou. Então, caindo de joelhos, disse, com os seus olhos puros e lindos pregados no rosto da linda Imagem:

— Senhora! Tende piedade desta humilde pastora, e do seu rebanho. Afugental para longe o perigo que nos ameaça, e daí força ao meu fiel «Leão»; defendei o meu rebanho da gula carniceira dos lobos esfomeados. Deixai-me ficar aqui, ao vosso lado, até aos primeiros alvares da madrugada.

E rezou com muita devoção. Finda a sua oração, encostou-se a um canto, cobriu-se com o cobertor e adormeceu com um cordeirinho ao côlo, que, com ela, entrara na ermídimha.

Então, durante o seu sono, sonhou que a Virgem descerá do seu altar, e, tirando o seu manto azul, lhe cobrirá



os seus pés frios como a neve que caía sempre e lhe dissera, sorrindo:

— Linda pastorinha! No meio do teu infortúnio, Deus tem sempre vindo em teu auxilio, porque és boa e o mereces.

A tua desdita vai acabar. Muito breve te aparecerá um príncipe, lindo como um anjo, que ficará preso aos teus encantos. Casarás com ele e serás feliz.

Vinha rompendo a manhã quando a pastorinha acordou.

O sol nascente punha, sobre neve, rutilações douradas.

A porta da ermídimha, o seu fiel «Leão» guardava o rebanho, que se aglomerara à sua roda.

Partiu, depois de ter agradecido à Virgem o milagre de não ter sido atacada, como seus pais, pelos lobos esfomeados. Ao chegar a casa, o Tio Manuel e a mulher, que já se preparavam para ir em sua procura, com outros pastores, ficaram muito contentes ao verem-na sã e salva. Ela contou-lhes tudo, dizendo que devia a vida a Nossa Senhora do Socorro.

Passaram-se meses. Já não se lembrava do sonho lindo que tivera na ermídimha. Era no verão.

O sol caía a prumo. Nisto, ouviu-se o trote dum fozoso cavalo, no qual vinha montado um rapaz novo, muito elegante. A pastorinha Maria estava á porta da casa do Tio Manuel. Ao encarar com ela, o cavaleiro apiou-se e, cumprimentando-a, pediu-lhe um copo de água para matar a sede. Quando ela voltou, com um pucarozinho de barro, cheio de água, o cavaleiro perguntou-lhe!

— Dizei-me, linda pastorinha, és feliz, no meio destas montanhas, dos teus cordeirinhos e do teu lebreu?

— Muito, senhor, — respondeu ela.

— E se eu te levasse para o meu palácio, onde tudo é grandeza e conforto, aceitarias acompanhar-me como minha Esposa?

— Não trocava a felicidade que tenho, nem abandonaria o meu rebanho por tudo quanto há no mundo.

— E se eu ficasse contigo, para sempre, aceitarias ser princesa?

A pastorinha Maria, baixou os olhos, e disse, resolutamente, lembrando-se do seu sonho: — Sim!

Passados dias casavam na pequenina capelinha de Nossa Senhora do Socorro, com a assistência de todos os pastores daqueles sitios. O príncipe mudou para ali a sua corte, e viveram muitos anos no meio da maior felicidade.

Deste conto podeis tirar, meus meninos, a seguinte conclusão:

Uma pessoa virtuosa recebe sempre a recompensa das suas virtudes.